



## proto-história e romanização guerreiros e colonizadores

Este volume contém os textos das comunicações apresentadas à sessão "Guerreiros e Camponeses: Quem procurar?", dedicada à Proto-história e Romanização.

O título sugere bem o problema arqueológico com que esta região se defronta hoje. Se o Vale do Côa apresenta o mais importante conjunto de arte rupestre proto-histórica da Península Ibérica, o conhecimento desta arte não é acompanhado por um reconhecimento das populações que a produziram e vivenciaram.

A leitura deste volume dá-nos uma perspectiva abrangente de guerreiros e camponeses, em volta da arte rupestre do Vale do Côa. Continuamos, contudo, a saber mais dos guerreiros do que dos camponeses, mais da arte do que dos artistas, e mais dos invasores do que dos invadidos.

03

**proto-história  
e romanização**  
guerreiros e  
colonizadores

**III congresso  
de arqueologia**  
trás-os-montes,  
alto douro  
e beira interior

actas das sessões

entidades organizadoras do congresso:



Centro Nacional de Arte Rupestre



Parque  
Arqueológico  
Vale do Côa

entidades financiadoras da edição:



COMISSÃO DE  
COORDENAÇÃO DA  
REGIÃO CENTRO



PROGRAMA  
OPERACIONAL  
DA REGIÃO CENTRO



Governo da  
República Portuguesa



UNIÃO EUROPEIA  
Fundo Europeu de  
Desenvolvimento Regional



# 03

**proto-história  
e romanização**  
guerreiros e  
colonizadores

**III congresso  
de arqueologia**  
trás-os-montes,  
alto douro  
e beira interior

**actas das sessões**

## índice

- 4 **prefácio**  
António Ruas
- 5 **introdução**  
Luís Luís e António do Nascimento Sá Coixão
- 8 acta 1  
**Muralhas e Guerreiros na Proto-História do Norte de Portugal**  
Francisco Sande Lemos e Gonçalo Cruz
- 29 acta 2  
**Proto-história e romanização do Baixo Côa: novos contributos para a sua caracterização**  
António do Nascimento Sá Coixão
- 56 acta 3  
**Cidadelhe e a Proto-história e a Romanização de Médio Côa**  
Manuel Sabino G. Perestrelo
- 72 acta 4  
**Proto-história e Romanização entre o Côa e o Águeda**  
Susana Rodrigues Cosme
- 81 acta 5  
**A villa romana do Prado Galego. Breves notas sobre a campanha de 2006**  
Maria Pilar dos Reis e Fernando Santos
- 85 acta 6  
**Proto-história e romanização no monte de Sra. do Castelo, Urros, Torre de Moncorvo: análise de materiais**  
Carla Maria Braz Martins

## ficha técnica

### Editor

Associação Cultural Desportiva e Recreativa de Freixo de Numão

### Título

Actas do III.º Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior

### Coordenação do Congresso

Alexandra Cerveira Lima, António Martinho Baptista, António Sá Coixão

### Coordenação Editorial das Actas

Alexandra Cerveira Lima, André Tomás Santos, António Martinho Baptista, António Sá Coixão, Luís Luís

### Coordenação Científica da Sessão

António Sá Coixão, Luís Luís

### Coordenação da Publicação

Luís Luís

### Autores

António Ruas, António Sá Coixão, Carla Maria Braz Martins, Fernando Santos, Francisco Sande Lemos, Gonçalo Cruz, Luís Luís, Manuel Sabino G. Perestrelo, Maria Pilar dos Reis, Susana Rodrigues Cosme

### Gestão Editorial

Setepés.Arte

### Revisão de Textos

Luís Luís e autores

### Design

Gina Ferreira

### Pré-Impressão, Impressão e Acabamentos

1ª Edição, 2008. Porto

ISBN: 978-972-99799-3-4

### Depósito Legal

### Tiragem

1000 Exemplares

## Resumo

O povoado fortificado da Sra. do Castelo, localizado na freguesia de Urros, distrito de Bragança, remonta a uma época calcolítica, e a sua ocupação estendeu-se até à época medieval.

O posicionamento geográfico indicia-o como um povoado estratégico na região, ainda que o seu interesse esteja também relacionado com a exploração mineira em época romana.

A segunda linha de muralhas apresenta duas fases de construção, correspondentes a dois momentos distintos: a 1ª fase de época calcolítica (Estrutura II) e a 2ª fase de época proto-histórica (Estrutura I).

O diverso espólio cerâmico e numismático inequivocamente ratifica a notória romanização do castro.

O local de Urros teve um papel relevante na reorganização da Monarquia, tendo-lhe sido concedida a carta de foral em 1182 por D. Afonso Henriques.

O castro de Sra. do Castelo localiza-se na freguesia de Urros, concelho de Torre de Moncorvo, distrito de Bragança, à longitude de 7° 2' 19"W e à latitude de 41° 4' 38"N, com uma altitude de 667m (fig. 1).

Geologicamente tem depósitos de vertente formados na época Quaternária (Holocénico), e uma formação constituída por quartzitos inferiores e xistos intermédios do período Ordovícico (Arenigiano) (Silva e Ribeiro, 1991).

É um castro com um fácil acesso a Este, permitindo o acesso de automóvel através de um caminho carreteiro, arranjado recentemente; as encostas Sul e Oeste são escarpadas, constituindo uma defesa natural, enquanto a vertente Norte tem um declive não muito acentuado. Não obstante, verifica-se a presença de duas linhas de muralhas, para um reforço defensivo, estando-se perante um castro fortificado.

No topo, sobre um maciço rochoso, encontra-se uma bonita capela dedicada a Sra. do Castelo, onde, aquando das obras no adro, foram encontradas moedas romanas.

Na vertente Norte encontra-se uma gruta denominada Cova / Buraco dos Mouros, à qual estão associadas várias crenças fielmente preservadas pelos populares.

As prospecções efectuadas neste monte revelam, a nível arqueológico, uma ocupação desde a época calcolítica à época medieval, associando-se o já referido Buraco dos Mouros a uma possível exploração mineira de época romana.

Sande Lemos, no seu trabalho de investigação, Povoamento Romano de Trás-Os-Montes Oriental, inventaria o topo do monte de Sra. do Castelo como um povoado calcolítico, castro da Idade do Ferro romanizado e castelo medieval; o Buraco dos Mouros como fruto de exploração mineira romana, provavelmente de ouro; e o sopé Noroeste deste monte (Lameirões) como um povoado romano mineiro (Lemos, 1993: 366, nº 710; 367, nº 711 e p. 368, nº 712).

E se se relacionar estes vestígios materiais, cerâmicos e estruturas (não somente as linhas de muralha, mas também os restos de construções que se insinuam, apesar da vegetação, na vertente Norte), com a excelente localização geográfica sobre o rio Douro, visualizando-se outros montes importantes, como o do Poio (Urros) e o Monte Calabre (Almendra, Vª Nª de Foz Côa) alti-medieval, poder-se-á assumir que este castro teria tido na altura uma posição estratégica dominando a região circundante.

Na base deste monte, existe uma capela dedicada a Sto. Apolinário, de estrutura românica, que nas suas imediações apresentou, a nível de prospecção, materiais atribuíveis ao período da romanização e medieval (Lemos, 1993: 368-369, nº 713).

acta 6

## Proto-história e romanização no monte de Sra. do Castelo, Urros, Torre de Moncorvo: Análise de materiais

Carla Maria Braz Martins

(Doutorada em Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. E-mail: carlabrazmartins@clix.pt)

## Introdução

A época medieval em Urros está bem documentada e estudada, sabendo-se que teve um papel relevante integrado no plano reordenador da Monarquia, tendo tido portanto carta de foral em 1182 concedida por D. Afonso Henriques.

### Ocupação proto-histórica

De época proto-histórica existem vestígios materiais cerâmicos associados quer a um piso de argila compacta, pertencente a uma estrutura circular, bastante destruído, quer a uma 2ª fase da 2ª linha de muralhas.

Esta muralha (Estrutura I – fig. 2), com uma largura compreendida entre 2,20 e 2,26 metros, bem aparelhada apesar dos derrubes sofridos, assenta nos alicerces da 1ª fase de construção (Estrutura II); ela comporta do lado externo, uma estrutura de suporte (Estrutura III), dado o declive acentuado do terreno, constituída por lajes alternadamente dispostas de forma horizontal e vertical.

Os materiais cerâmicos exumados encontram-se dispersos por todas as sondagens, exceptuando a D, como se pode verificar na seguinte tabela:

Sondagem	U.E.	Fase I B (700-500 a.C.)	Fase II (500-140 a.C.)	Fase II / III (c. 140 a.C.)	Fase III (140 a.C. à 2ª metade séc. I d.C.)	Total por S.
S. A	00				2	
	01		1		11	
	02	2	4	1	8	
						29
S. B	00		1		11	
	01				3	
	02		1		2	
	03				1	
	20				1	
						20
S. B1	00		1		3	
	01				1	
	03				2	
	04				10	
	05				1	
	06				6	
					2	
						26
S. B2	00				4	
	02				5	
						9
S. C	00		1		13	
	03		3		4	
						21
S. E	02		1		1	
	03				3	
	04				2	
						7
S. F	01				1	
	04		4		3	
						8
Total		2	17	1	100	120

tabela 1

Pode-se observar que num total de 120 fragmentos cerâmicos classificados, há um predomínio na sondagem A (29 fragmentos), associados à Est. I – 2ª fase da muralha.

A presença de cerâmicas nas sondagens B, B1, B2, C e E, está associada a contextos de revolvimentos de terras devidos à implantação de estruturas posteriores, nomeadamente:

- Sondagem B, B1 e B2 implantação de uma necrópole medieval;

- Sondagem E implantação de uma estrutura medieval, possivelmente correspondente a uma pequena igreja;

- Sondagem C implantação da 1ª linha de muralhas também de época medieval.

Na sondagem F seria de esperar um maior número de fragmentos tendo em conta o piso encontrado (fig. 3); no entanto, a fraca potência de terras, devido à erosão, levou a que o mesmo se encontrasse muito destruído.

Em termos de análise dos materiais, poder-se-á referir uma predominância de materiais cuja cozedura foi efectuada em ambiente oxidante (80 fragmentos em cozedura de ambiente oxidante vs. 40 em ambiente redutor), e praticamente todos eles feitos à roda.

		<b>Fase I B</b>	<b>Fase II</b>	<b>Fase II / III</b>	<b>Fase III</b>
		<b>(700-500 a.C.)</b>	<b>(500-140 a.C.)</b>	<b>(c. 140 a.C.)</b>	<b>(140 a.C. à 2ª metade séc. I d.C.)</b>
<b>Cozedura em ambiente redutor</b>	feito à mão	1			
	feito à roda		4	1	32
<b>Cozedura em ambiente oxidante</b>	feito à mão	1	2		
	feito à roda		10		61

		<b>Fase I B</b>	<b>Fase II</b>	<b>Fase II / III</b>	<b>Fase III</b>
		<b>(700-500 a.C.)</b>	<b>(500-140 a.C.)</b>	<b>(c. 140 a.C.)</b>	<b>(140 a.C. à 2ª metade séc. I d.C.)</b>
<b>Cozedura em ambiente redutor</b>					2
<b>Cozedura em ambiente oxidante</b>			1		5

tabela 2

Nas cerâmicas (fig. 4 e 5) existe um esmagador predomínio das formas abertas, consubstanciando-se nas seguintes tipologias:

- caçarolas;
- potes;
- taças;
- cântaros.

Salienta-se ainda um vaso de suspensão.

A decoração presente:

- semicírculos (ou SS alinhados);
- meandros horizontais;
- punções triangulares;
- cordada.

As técnicas utilizadas foram a estampagem, a incisão e excisão, a punção e a aplicação plástica.

No que diz respeito à cronologia, teve-se em conta opiniões de diferentes autores, como Alarcão (1992: 38) e Manuela Martins (in Alarcão, 1992: 42), tendo-se adoptado a periodização de A. C. F. Silva (1986), apesar de se ter efectuado algumas adaptações:

- Fase I A – 900 a 700 a.C., correspondendo a um período de transição do Bronze Final;
- Fase I B – 700 a 500 a.C.;
- Fase II – 500 a 140 a.C.;
- Fase II / III – em torno de 140 a.C.;
- Fase III – de 140 a.C. à segunda metade do séc. I d.C.

Assim sendo, existe um domínio de materiais associados à III fase, facto que poderá eventualmente já estar relacionado com um processo incipiente de romanização.

### Ocupação romana

É notória a romanização deste castro dada a abundância de cerâmicas de boa qualidade, embora algumas de fabrico indígena. Salienta-se um fragmento de cerâmica fina estampilhada (3,62 mm de espessura), decorada a matriz por três círculos concêntricos sobre uma aguada branca e suporte de pasta alaranjada; este fragmento de forma indeterminada, encontrado em prospecção, poderá ser datado de finais do séc. I a.C. (Arnaud e Gamito, 1974-77: 199). No entanto, a cronologia fornecida pela análise das *sigillatae* e numismas é mais tardia, nomeadamente do séc. IV. No que diz respeito às *sigillatae*, apareceram em escavação cinco fragmentos de *sigillata* hispânica tardia – séc. IV, de formas indeterminadas. O espólio numismático aponta para meados do séc. IV.

A cerâmica comum romana encontra-se dispersa por todas as sondagens existentes, como se pode verificar na tabela seguinte:

Sondagem	U.E.	Materiais romanos	Total por S.
S. A	01	14	
	02	12	
			26
S. B	00	11	
	01	11	
	02	6	
			28
S. B1	00	8	
	01	3	
	03	2	
	04	10	
	05	2	
	06	5	
			30
S. B2	02	4	
			4
S. C	00	8	
	02	5	
	03	4	
			17
S. D	00	1	
	01	2	
			3
S. E	00	7	
	02	1	
	03	1	
	04	2	
			11
S. F	00	1	
	01	2	
			3
Total			122

tabela 3

Num universo de 122 fragmentos:

- existe uma predominância na Sondagem B, B1 e 2, apesar de ser em contextos de revolvimento, devido à implantação da necrópole medieval;
- nas Sondagens A e F, a presença de materiais romanos aparece associada a materiais proto-históricos já de uma 3ª fase;
- nas Sondagens C e E, a presença de materiais romanos aparece em contextos de revolvimento devido à implantação de estruturas posteriores, nomeadamente a muralha e estrutura correspondente a uma igreja, ambas de época medieval;
- na Sondagem D, a quase nula existência de fragmentos cerâmicos deve-se ao facto da sondagem se encontrar em zona de desmonte devido à exploração mineira, encontrando-se basicamente os fragmentos de quartzo.

Em relação à análise cerâmica há claramente uma predominância de materiais com uma cozedura em ambiente oxidante, quer dos exumados na intervenção arqueológica, quer dos encontrados em prospecção nos Lameirões:

		<b>Cerâmica Romana</b>	<b>asas</b>	<b>tubeira</b>	<b>patela</b>
<b>Cozedura em ambiente redutor</b>	feito à mão		1		
	feito à roda	12			
<b>Cozedura em ambiente oxidante</b>	feito à mão		6	1	
	feito à roda	101			1

		<b>Cerâmica Romana</b>	<b>asas</b>	<b>tubeira</b>	<b>patela</b>
<b>Cozedura em ambiente redutor</b>	feito à mão				
	feito à roda	1			
<b>Cozedura em ambiente oxidante</b>	feito à mão		2		
	feito à roda	10			

tabela 4

Em relação às tipologias da cerâmica comum (fig. 6 e 7), existe um domínio esmagador de formas abertas, existindo uma parca minoria de formas fechadas.

Dentro das formas abertas salientam-se:

- taças de pequenas e médias dimensões;
- potes;
- bilhas;
- cântaros;
- talhas de pequenas e grandes dimensões;
- pratos.

Nas formas fechadas:

- predomínio de vasos globulares (perfil hemisférico);
- pratos.

A decoração presente:

- linhas em zigue-zague;
- meandros;
- cordada;
- unhas;
- caneluras e estrias;
- depressões aplicadas a dedo.

As técnicas utilizadas na realização da decoração foram o brunido, a excisão e incisão, plástica e a torno.

### Considerações finais

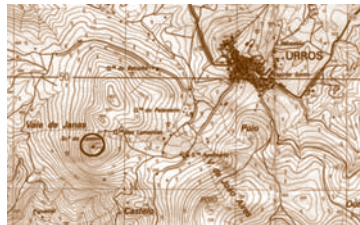
A presença proto-histórica no monte da Sra. do Castelo encontra-se bem documentada, quer pela presença da 2ª linha de muralhas (2ª fase), quer pela existência de uma estrutura circular com piso em argila, ao que se associam os materiais essencialmente datados de entre 140 a.C. à segunda metade do séc. I d.C. – castro fortificado, no seguimento da ocupação anterior.

A presença romana justifica-se pelo estratégico para controlo do Douro, e pela exploração mineira (ferro e ouro), apontando os fósseis directores para o séc. III / V d.C.

Em qualquer uma das épocas existe uma preocupação com a vertente estratégico-defensiva do monte da Sra. do Castelo.

### figuras

**fig. 1** Localização do monte da Sr.ª do Castelo.



**fig. 2** Segunda linha de muralhas (Estrutura I).



**fig. 3** Piso de argila compacto.



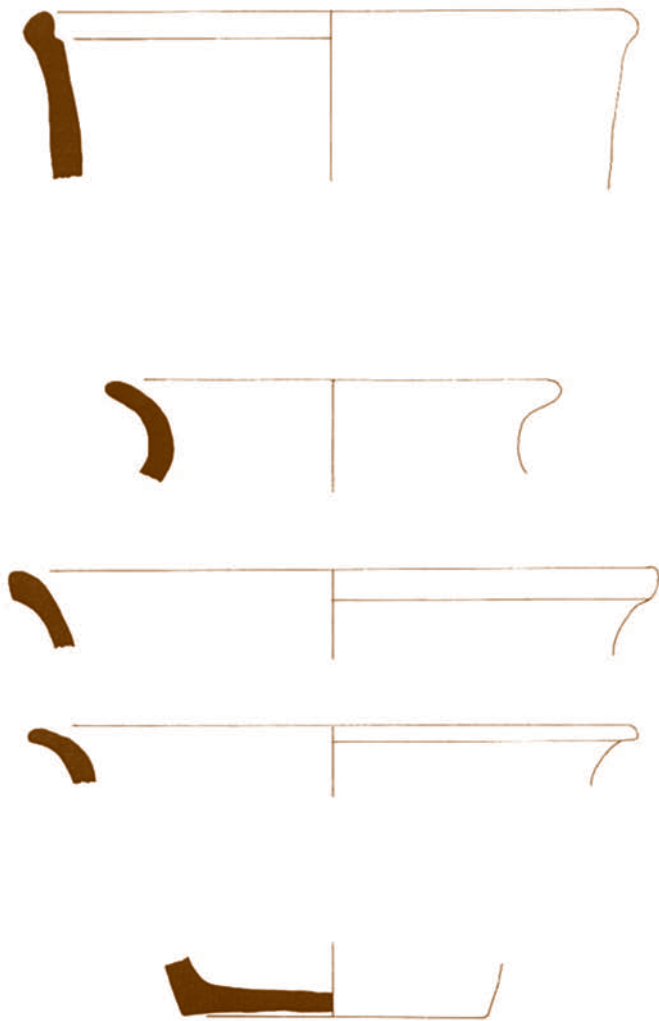


fig. 4 Cerâmica proto-histórica.

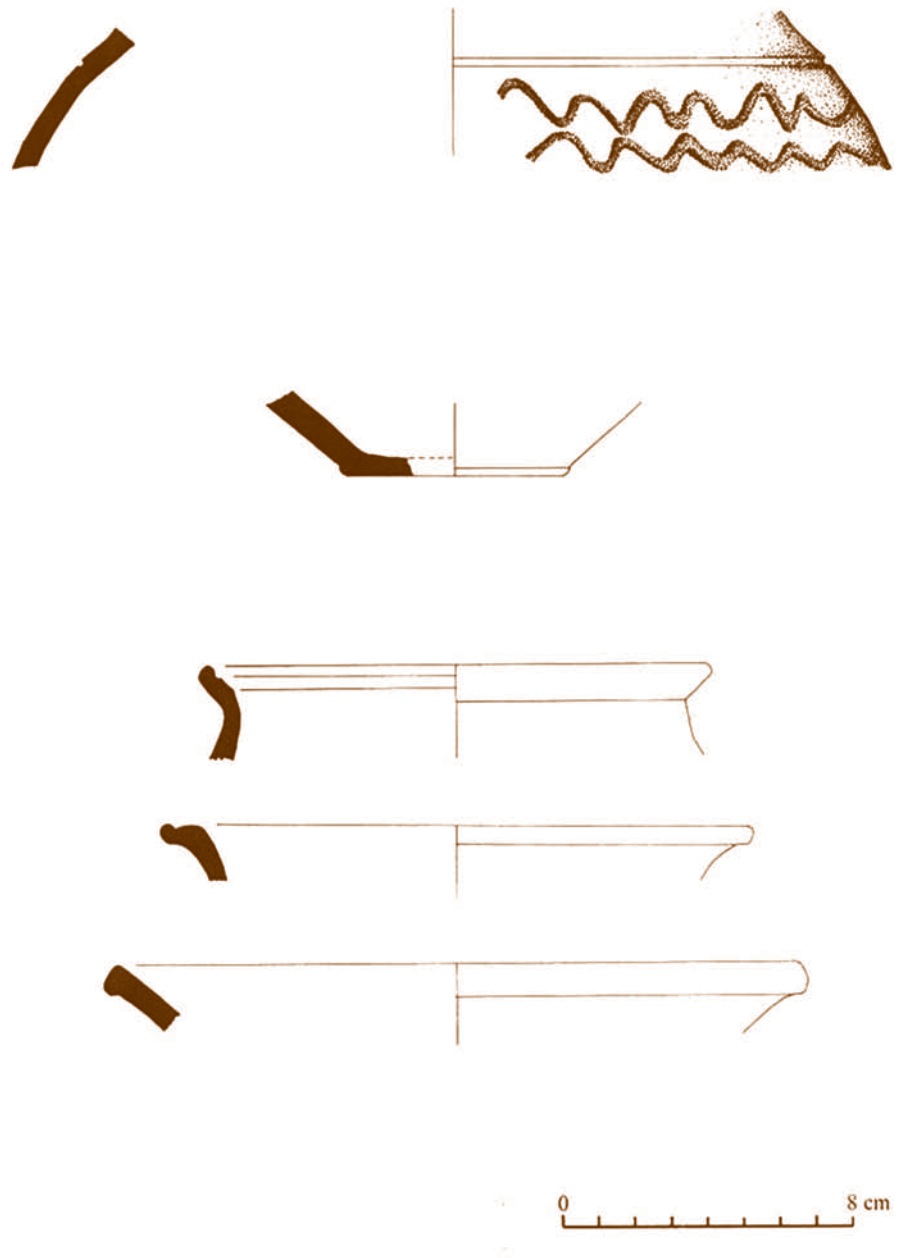


fig. 5 Cerâmica proto-histórica.

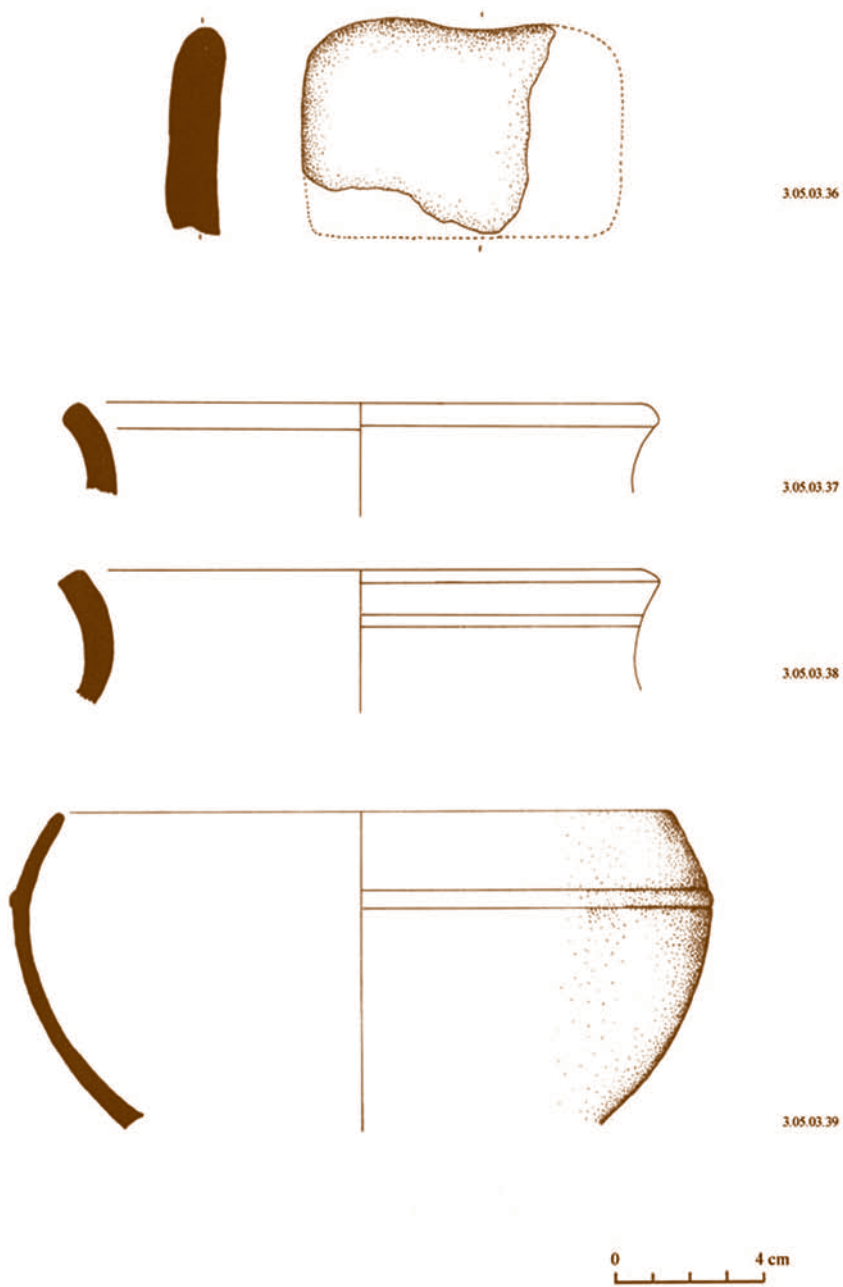


fig. 6 Cerâmica romana.

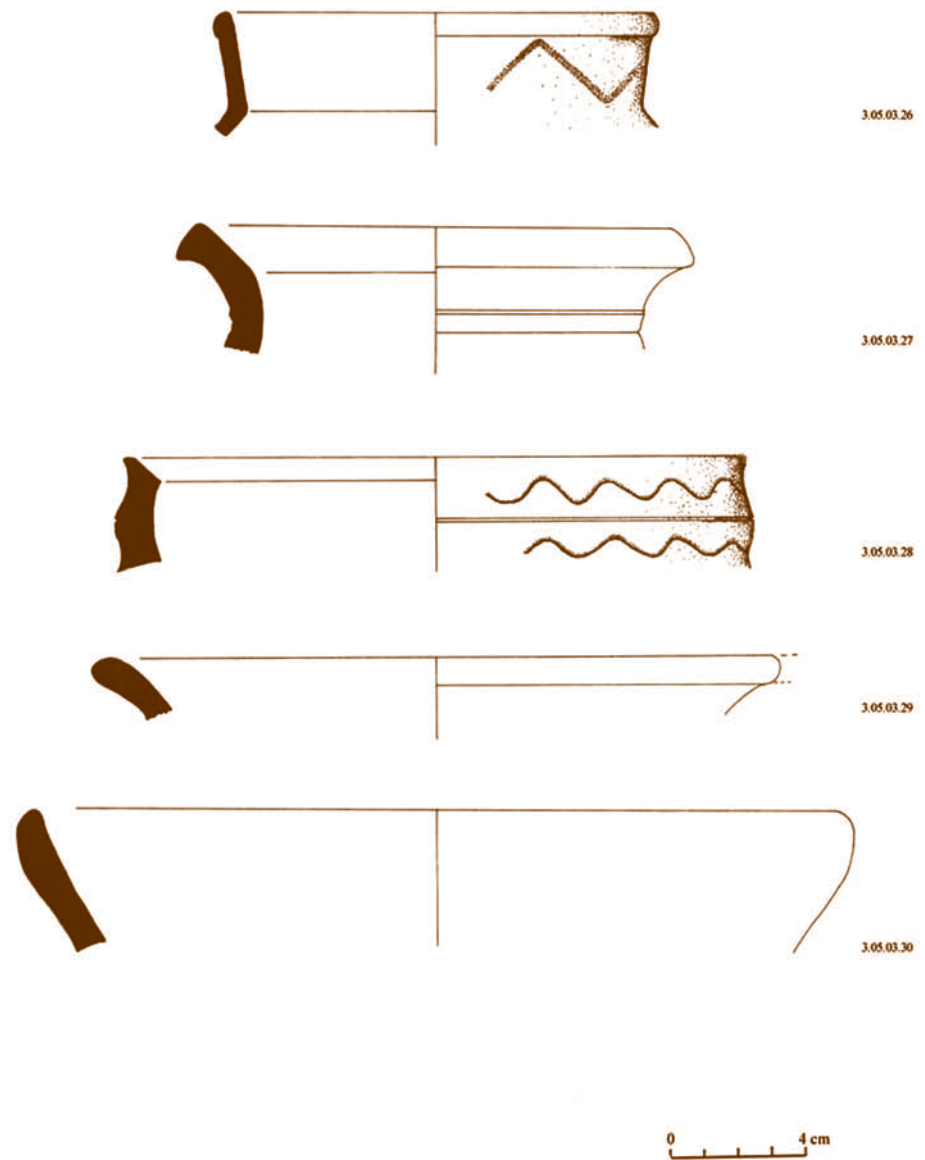


fig. 7 Cerâmica romana.

### **bibliografia**

ALARCÃO, J. (1992) – A evolução da cultura castreja. *Conímbriga*. Coimbra. 31, p. 32-71.

ARNAUD, J. M.; GAMITO, T. J. (1974/77) – Cerâmicas estampilhadas da Idade do Ferro do Sul de Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 3ª série. 7-9, p. 165-202.

ESTRABÃO (1965) – *Geografia: Livro III*. [Edição crítica por F. J. Velozo e J. Cardoso. Porto: Centro de Estudos Humanísticos (Colecção Amphitheatrum)].

FERNÁNDEZ JURADO, J. (1988-89) – Aspectos de la minería y la metalurgia en la protohistoria de Huelva. *Huelva Arqueológica*. Huelva. 10-11: 3., p. 178-214.

FERREIRA, C. A. d'A. (1998) – *Torre de Moncorvo: Percursos e materialidades medievais e modernas*. Porto: FLUP. [Tese de mestrado em arqueologia (policopiado)].

IGE (1994) – *Carta Militar de Portugal 1/25000*. Lisboa: Instituto Geográfico do Exército. fl. 141.

LE MOS, F. de S. (1993) – *Povoamento Romano de Trás-Os-Montes Oriental. Vol. Ila*. Braga: Universidade do Minho. [Tese de doutoramento (policopiada)].

LIMA, A. C. P. S., ed. (1998) – *Terras do Côa: Da Malcata ao Reboredo*. Vila Nova de Foz Côa: Estrela-Côa, p. 15-23 e 163-180.

MARTÍNEZ-GARCÍA, E. (1988) – *Mineralizaciones de oro en el Noroeste de la Península Ibérica*. Coimbra: Publicações do Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico da Universidade de Coimbra (Memórias e Notícias; 106).

NETO, J. M. (1975) – *O Leste do Território Bracarense*. Torres Vedras: A União, p. 17-18; 83-95; 103-107; 175-182; 294-314.

PINTADO, F. A. (1997) – *De Freixo, a Freixo de Espada à Cinta*. Freixo de Espada à Cinta: Câmara Municipal de Freixo de Espada à Cinta.

REIS, A. M. (1991) – *Origens dos Municípios Portugueses*. Lisboa: Livros Horizonte.

SANCHES, M. de J. (1997) – *Pré-História Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro. Vol. II*. Porto: S.P.A.E..

SCHULTEN, A.; MALUQUER de MOTES, J. (1987) – Hispania Antiqua según Pomponio Mela, Plínio el Viejo y Claudio Ptolomeo. In *Fontes Hispaniae Antiquae. Fasc. VII*. Barcelona: División y Ciencias Humanas y Sociales de Barcelona, 1987.

SILVA, A. C. F. da (1986) – *A cultura castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Câmara Municipal de Paços de Ferreira.

SILVA, A. F.; RIBEIRO, M. L. (1991) – *Notícia explicativa da folha 15 – A, Vila Nova de Foz Côa*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.

TRANOY, A. (1981) – *La Galice Romaine*. Paris: Diffusion de Boccard.

VASCONCELOS, J. L. de (1896) – Inscrição romana de Moncorvo. *O Archeólogo Português*. Lisboa. II, p. 134-135.